



As desterradas

Uma revolta feminina medieval resgatada da História

Reportagem Das ruínas de um mosteiro abandonado na Galiza, Carme Varela desenterrou uma revolta feminina apagada da História. No livro *As Desterradas*, conta-se, pela primeira vez, os últimos dias de um grupo de resistentes junto à fronteira com Portugal

Por José Miguel Sardo e Maria Piñeiro texto e fotografia



Se a voz das freiras de San Salvador de Albeos volta hoje a soar sob cinco séculos de escombros e de silêncio, é antes de mais porque há alguém que finalmente a tentou ouvir. No local onde se erguia o mosteiro românico beneditino, na pequena localidade galega frente a Melgaço, do outro lado do rio Minho, a memória da revolta das freiras que desafiaram a coroa de Castela e o papado parecia ter cedido à passagem do tempo, como a estrutura do edifício em ruínas, parcialmente soterrado e, até há bem pouco, encoberto por trepadeiras.

Mas um dos poucos historiadores a debruçar-se sobre a história do mosteiro, o padre Colombás, tinha já chegado à conclusão de que o abandono e o esquecimento das freiras devotas do santo S. Paio poderiam revelar, na realidade, uma tentativa de ocultar um episódio comprometedor. Esse episódio, contado pela primeira vez em livro, é o fio condutor de *As Desterradas*, de Carme Varela, publicado recentemente na Galiza – Edicións Xerais –, depois de ter sido distinguido, em Novembro, com o Prémio Álvaro Cunqueiro para textos teatrais.

É em escrita dramática que Varela, na

sua primeira obra publicada, retrata a luta das últimas freiras beneditinas do mosteiro em defesa dos seus domínios e contra a expulsão para Santiago. “A história de *As Desterradas* é a história das freiras de 14 mosteiros beneditinos galegos visados pela decisão de Castela de agrupar as religiosas num único mosteiro em Santiago de Compostela de onde passam a depender de Valladolid.” Uma decisão difícil de aceitar naqueles que seriam, segundo a autora, “os últimos redutos do poder feminino na Idade Média”. “Estas mulheres são duas vezes desterradas – por um lado, levam-nas para o Mosteiro de S. Paio de Antealtares, em Compostela, e, por outro, ficam sem as suas terras, o que significa ficar sem a sua independência. Eram mulheres que não tinham de prestar contas a ninguém, a independência de cada mosteiro era praticamente total.”

Entre as transferidas à força, muitas, como as personagens da peça de teatro, decidem protagonizar uma grande fuga conjunta de Santiago, por volta dos inícios do ano de 1500, para regressarem aos seus mosteiros de origem, de onde resistem durante mais de duas décadas ao assédio das autoridades.

Vestígios

A limpeza do terreno permitiu aceder a vários vestígios da construção românica e a uma lápide com a imagem de uma freira — convertida em personagem do livro que prefere suicidar-se a abandonar o mosteiro

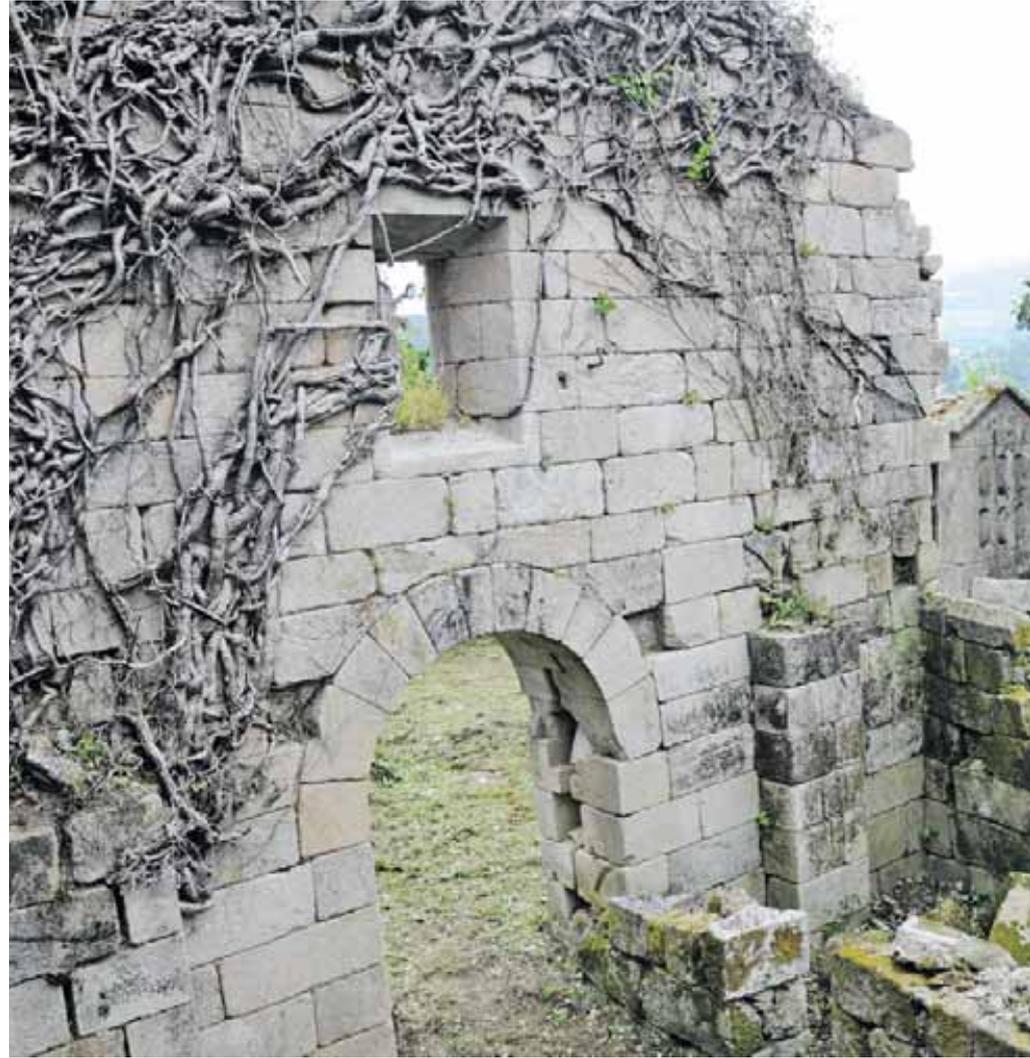


Eram mulheres que não tinham de prestar contas a ninguém, a independência de cada mosteiro era praticamente total
Carme Varela

David, no feminino, contra Golias

Carme Varela recorreu a cinco personagens fictícias para relatar os factos históricos dispersos por documentos de época, como cartas de foral, actas das visitas do bispo ou missivas enviadas pela coroa aos mosteiros rebeldes. A partir de elementos como uma carta da rainha de Castela, que acusa as freiras de Albeos “de comer e vender as rendas em vez de entregá-las a Antealtares”, o livro imagina os últimos dias de rebeldia e de refúgio das insubmissas antes da expulsão à força para Santiago.

Outro dos poucos documentos que sobreviveu para contar uma realidade, desta vez falseada, é o do processo da abadessa do Convento de Albeos, Beatriz Cabeça de Vaca, cujo rasto se perde depois de ser encerrada em Santiago. Frente às autoridades interessadas em desacreditar as revoltosas e obter o apoio do papado, a abadessa é acusada, entre outras negligências ante a fé, de ter vários amantes, passar o dia na feira de Melgaço e mesmo de vestir uma saia demasiado ousada. “Fizeram-lhes um processo, sem possibilidade de defesa e em que todos os testemunhos contrários à acusação foram descartados”, afirma Carme. “No →



fundo, o que era visado era a sua autonomia, e a sua autonomia como mulher independente.”

Este episódio ilustra também uma luta desigual contra as grandes corporações da época, num braço-de-ferro entre as cidades e as zonas rurais onde estes mosteiros fundados por famílias detinham um poder e uma riqueza cobiçados pela coroa. As devotas condenadas como devassas e apóstatas numa perseguição brutal, o papado que, depois de anos de ambiguidade, se deixa finalmente vencer da suposta legalidade da expropriação dos mosteiros – a troca de muitos jogos de influência de Castela. E um interesse geral em apropriar-se dos domínios e do poder desta ordem feminina teriam lentamente esmagado a revolta, ignorada ou caricaturada na maioria dos poucos documentos que sobreviveram.

Mesmo recentemente, um texto do Conselho da Cultura Galega ainda descrevia a fuga de Santiago da abadessa de Ramirás, María de Limia, outra das insubmissas, como “um episódio que, visto com os olhos de hoje, não deixa de parecer cómico”. Carme Varela deixa a

observação: “Se se tratasse de um homem em vez de uma mulher, de certeza que hoje falar-se-ia de um episódio épico.”

A “maldição” de S. Paio de Albeos

Da escrita à tesoura da poda, Carme prossegue o mesmo combate para reabilitar a memória de um monumento e de um episódio histórico num dia de sol abrasador nas ruínas do Mosteiro de San Salvador, onde prepara a apresentação do livro e uma série de visitas guiadas.

Juntamente com os membros da associação que co-fundou, O Sorriso de Daniel, dedicada à defesa do património românico rural galego, a autora participa nas tarefas de limpeza do monumento, iniciadas há dois anos, depois de um acordo com os proprietários privados.

A limpeza do terreno permite hoje aceder a alguns vestígios da construção românica, como uma arcada parcialmente soterrada com um tímpano esculpido nas duas faces com a figura de Jesus Cristo Salvador e uma lápide com a imagem de uma freira – convertida em personagem

Monumento

A importância do monumento continua a não ser reconhecida por Madrid. Nem pelo governo autónomo da Galiza. O único edifício de pé que testemunhou a resistência das desterradas de Albeos foi lentamente abandonado à sua sorte, com um desfecho trágico em jeito de maldição real, nas décadas em que se desfigurou ao acolher um matadouro

do livro que prefere suicidar-se a abandonar o mosteiro.

Nas casas e nas aldeias em redor, que durante séculos recorreram à pedra do edifício para outras construções, podem-se encontrar outros possíveis vestígios do mosteiro, como uma pia de água benta ou um arco esculpido. Um abandono transposto também para o livro sob a forma de uma maldição ficcionada.

Incapaz de fazer frente à perseguição, e nos dias antes de ser expulsa dos seus territórios, a abadessa de Albeos faz distribuir todos os mantimentos e colheitas pela população e riposta com uma maldição. “Nessa maldição incorporo alguns dos elementos reais, como o facto

Carme Varela *As Desterradas* retrata uma luta de mulheres medievais pela sua autonomia

Entrevista Naquela que é a sua primeira obra publicada, a autora conta a “luta incessante contra Castela e mais tarde contra o papado” das freiras que viviam no Mosteiro de Albeos

Por José Miguel Sardo e Maria Piñeiro



Quem são “as desterradas”?

São um grupo de freiras que viviam no Mosteiro de Albeos, mas não são só elas; são também as que viviam no Mosteiro das Negradas, no Mosteiro das Pesqueiras, da Cova, de Ramirás, ou de Sobrado de Trives – é a história das freiras de todos os mosteiros beneditinos galegos num dado momento em que alguém decide, em Valladolid, na coroa de Castela, que estes mosteiros têm de se agrupar sob um único tecto em Santiago de Compostela, dependente do Mosteiro de S. Bento de Valladolid. Elas resistem com uma luta incessante contra Castela e mais tarde contra o papado. Durante 20 anos lutam de verdade contra esta decisão. Quando as levam para Santiago, decidem fugir e regressar aos seus mosteiros de origem, naquilo que foi uma fuga espectacular.

A mão de Castela foi igualmente dura contra os mosteiros masculinos?

Os frades masculinos foram concentrados noutra mosteiro, o de S. Martinho Pinário em Santiago, enquanto as freiras foram agrupadas no Mosteiro de S. Paio de Antealtares, também na cidade. Mas as mulheres eram sem dúvida as principais visadas por esta medida, pois tinham mais propriedades; os mosteiros femininos tinham mais poder nestas zonas rurais. Ao mesmo tempo, as mulheres viam que

perdiam uma autonomia que nunca iriam recuperar, ao contrário dos homens. Trata-se também da história de uma luta de mulheres pelo seu espaço vital como mulheres – como mulheres muito autónomas. Quando se diz que a abadessa estava sempre fora do convento, ou ia à feira a Melgaço, ela, na realidade, dedicava-se aos seus afazeres como abadessa e foi também essa autonomia que foi visada por esta reforma.

Como descobriu esta história?

Foi algo que surgiu em paralelo com a operação de limpeza das ruínas iniciada pela associação de defesa do património românico rural galego a que pertença. Na associação Sorriso de Daniel intervimos em duas frentes – uma com a acção no terreno e outra com a recolha de documentação sobre o local. Quando começámos a intervir nestas ruínas, os habitantes não tinham a mínima ideia da história deste local e atribuíam a culpa do abandono à “desamortização” (expropriação das ordens religiosas) do século XIX, e nós sabíamos que tinha que ver com o século XV, quando Castela decide centralizar as freiras beneditinas galegas num mosteiro de Santiago. Foi assim que, partindo de uma tese publicada, começámos a recolher informação e a partilhá-la entre nós, uma vez que temos membros que são também

especialistas nesta área. Foi ao recompilar toda esta informação que percebemos que esta história poderia dar uma novela. E um dia, em casa, pensei que não poderia escrever uma novela, mas que poderia escrever uma peça de teatro, em especial se a pudéssemos representar para chamar a atenção para o abandono do mosteiro.

No livro, a certo momento, as freiras imaginam uma fuga para Portugal, onde o mosteiro possuía vários terrenos. Há relatos de foragidas que passaram a fronteira?

Os domínios do mosteiro incluíam vários terrenos em Melgaço, por isso faziam também parte do seu território. Quando vi a documentação sobre as propriedades das freiras, pareceu-me lógico que tivessem pensado em escapar-se para o outro lado. Mas, ainda que tivessem terrenos, chegariam aí quase sem nada, e em Portugal havia grandes mosteiros como o de Fiães ou de Paderne, e a competição prometia ser dura – por isso, poucas terão optado pela fuga.

Em que momento é que as revoltosas decidem baixar os braços?

Foi um longo processo que só terminou quando a coroa de Castela conseguiu vencer a oposição do papado, que sabia que elas tinham razão, que aquilo era uma espoliação dos seus terrenos. Por um lado, Castela tinha muito poder e teria comprado vontades, mas também há documentação que se ocultou e que se falsificou. E a prova é que, vinte anos depois do fim do conflito, S. Bento de Valladolid recorda que tem de rectificar certa documentação sobre esta época frente ao papado. Eles sabiam o que estavam a fazer e que se tratava de puro latrocínio, mas as coisas eram assim nesta época.

Porque é importante resgatar esta história?

Espero que algumas pessoas possam descobrir esta página perdida da História, que este país durante um tempo quis mostrar os músculos e que estas freiras não se deixaram vencer facilmente. Digamos que era preciso ter um grande par de ovários para que cinco ou seis freiras de um mosteiro perdido em Albeos decidissem fazer frente à coroa de Castela e ao papado. Elas sabiam que era uma guerra perdida, mas também sabiam que não podiam baixar os braços.

de uma pia ter acabado por ser utilizada numa casa como manjedoura para porcos, ou que as trepadeiras iriam invadir este espaço, como aconteceu.”

Apesar das diligências da associação em que milita em prol de uma investigação mais pormenorizada ao edifício, com uma escavação no terreno, a importância do monumento continua a não ser reconhecida nem por Madrid, nem pelo governo autónomo galego. “Estas mulheres estavam nas suas terras, os terrenos faziam parte da herança, que o santo S. Paio, nascido nesta zona, teria recebido, se não tivesse sido martirizado aos 13 anos por um rei mouro, e tinham sido doados às freiras – elas eram também as guardiãs desse culto tão popular do ‘menino mártir’ na Galiza e no Norte de Portugal”, lembra Carme. Uma devoção que terminou em desobediência e uma desobediência punida com o esquecimento. “As desterradas tentaram esquecer este episódio e quem as acossou também não quis recordar uma acção que, ao fim de contas, era simples expropriação de domínios sob o pretexto de uma reforma”, lembra Carme.

O único edifício de pé que testemunhou a resistência das desterradas de Albeos foi lentamente abandonado à sua sorte, com um desfecho trágico em jeito de maldição real, nas décadas em que se desfigurou ao acolher um matadouro.

No livro *As Desterradas*, as vozes das freiras não se deixam abater. A luta que protagonizaram há cinco séculos regressa à história pela porta do drama – que procura ainda um palco para ser representado – um primeiro passo para resgatar a memória de uma revolta feminina do obscurantismo medieval.

